



Por uma hermenêutica da origem da culpabilidade humana

For a hermeneutic of the origin of human culpability

Igor Dutra Santos

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Freud ainda hoje é vítima de duras críticas por sua incursão na antropologia através de "Totem e tabu" (1912-13/2006d). De fato o texto contém inconsistências, superadas pela investigação atual daquilo que ele tentava encontrar: a origem da moral e da religião. Quanto à religião não há dúvidas do erro de Freud, mas com a ajuda do sistema hermenêutico de Paul Ricœur, tentamos apontar para o brilhantismo freudiano ao explorar as origens da culpabilidade humana. Para tanto nos apoiamos especialmente no conceito de símbolo em "O conflito das interpretações" "A simbólica do mal interpretada" (1969/1988) e buscamos traçar uma relação entre o mito desenvolvido por Freud e o mito adâmico judaico-cristão, ambos tentativas de mostrar o surgimento do sentimento intrinsecamente humano de culpa.

Palavras-chave: psicanálise; hermenêutica; culpabilidade; símbolo.

Abstract

Even nowadays Freud is victim of strong critics for his incursion on anthropology, through "Totem and taboo" (1912-13/2006d). In fact the text holds inconsistencies, overcome by recent investigation of what he was trying to find: the origin of moral and religion. As for religion there is no doubts of Freud's mistake, but with Paul Ricœur's hermeneutical system help we try to point to Freud's brilliant exploration of the origins of human culpability. To do so, we find support especially on the concept of symbol in "The symbolism of evil interpreted" (1969/1988) and look for tracing a relation between the myth developed by Freud and Judeo-Christian adamic myth, both attempts of showing the emergence of the intrinsically human feeling of guilt.

Keywords: psychoanalysis; hermeneutics; culpability; symbol.

Introdução – Hermenêutica e religião: onde Paul Ricœur encontra Sigmund Freud

Sigmund Freud foi certamente um dos mais importantes pensadores modernos que enfatizaram em seu trabalho o homem. Com sua forma absolutamente original de encarar o drama da existência humana Freud revolucionou as ciências psicológicas, médicas, linguísticas, além de também estabelecer um novo paradigma filosófico do homem, que não mais é senhor pleno de suas vontades. Como o próprio autor enfatiza em uma de suas “Conferências introdutórias”, a de número XVIII, nomeada “Fixação em traumas – o inconsciente” (1917/2006f): “(...) a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao eu que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (Freud, 1917/2006f, p.292), a pessoa está sob domínio de forças além de seu controle. A imposição ao prodigioso homem moderno de uma falsidade em sua certeza de auto-gestão é um golpe pesado e sem retorno para aqueles que tencionam trabalhar com o homem.

Não apenas sobre o indivíduo humano caiu o pesado fardo do inconsciente, mas também a civilização ocidental é alvo da análise freudiana das forças arreadas do homem pulsional. Em seus textos de análise cultural (especialmente em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, 1908/2006c, “O futuro de uma ilusão”, 1927/2006h, “O mal-estar na civilização”, 1930/2006j e “Moisés e o monoteísmo”, 1939/2006k) Freud tece agudas críticas à sua sociedade, ainda vitoriana, mas cujos resquícios continuam a ressoar mais de um século depois da inauguração da psicanálise. Ele ataca vorazmente a rigidez libidinal exigida pela sociedade vienense dos primeiros anos do século XX e que certamente ainda hoje tem grande influência sobre as doenças psíquicas com as quais lidamos:

“Não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais.” (Freud, 1908/d/2006c, p.169)

Um de seus alvos favoritos nesses ataques é a instituição católica, como uma das grandes causas do modo de ser daquela sociedade, exigindo um ideal de conduta inalcançável. Em diversos textos ao longo de toda a sua vida profissional Freud usou como exemplo de entraves na vida psíquica a Igreja católica e seus rituais e dogmas. Desses trabalhos podem ser citados “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/2006b), “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2006g), além dos já

mencionados “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908/2006c), “O futuro de uma ilusão” (1927/2006h), “O mal-estar na civilização” (1930h/2006j), dentre outros.

Autor contemporâneo e também profundo pensador da condição humana, Paul Ricœur se debruça sobre várias áreas da filosofia, tendo como ponto de partida o existencialismo de Gabriel Marcel, o personalismo de Emmanuel Mounier e a fenomenologia de Edmund Husserl. Mais adiante em sua vida, como para dar um passo além da metodologia existencial-fenomenológica, Ricœur também passa a se utilizar do estruturalismo e da hermenêutica, tendo como uma grande referência nesse estudo o próprio Freud (Franco, 1995). Sobre o criador da psicanálise, Ricœur dedicou um longo volume, intitulado “Da interpretação: ensaio sobre Freud” (1965/1977). Como o próprio autor diz nas linhas introdutórias, “Este livro é essencialmente um debate com Freud” (Ricœur, 1965/1977, p. 15), onde os conceitos que fundamentam a interpretação psicanalítica são confrontados com a exegese bíblica e a simbólica da filosofia de Ricœur. Talvez o principal interesse do filósofo seja justamente o estudo do homem religioso, de onde toma como seu tema preferencial, o mal e suas origens, funções, destinos, etc.

Com este trabalho pretendemos examinar, pela via do pensamento hermenêutico de Paul Ricœur, qual a validade de uma das mais importantes obras do fundador da psicanálise: “Totem e Tabu – Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos” (1912-13/2006d). Esse possivelmente é um dos trabalhos de autoria própria mais apreciados por Freud, que se refere a ele, vários anos após sua publicação, em “Dostoievski e o parricídio” (1928/2006i) como “*meu* Totem e Tabu” (p.188, grifo nosso), e ainda depois com essa mesma denominação em “Moisés e o monoteísmo” (1939/2006k). Duramente criticado, cientificamente questionável e defasado diante dos atuais estudos antropológicos, seria o texto tão querido por Freud uma grande falácia sobre as origens da religião na sociedade judaico-cristã que domina o ocidente? O intuito deste trabalho é justamente nos perguntarmos sobre a religião que é apresentada em “Totem e tabu” e como esse estudo antropológico, que data de um século atrás, pode ser importante para o estudo do homem, se é que esse valor de fato existe nessa obra freudiana.

Freud, um hermeneuta

Ao longo de toda a sua vida – inclusive no período pré-psicanalítico – Freud teve grande ligação com seus próprios escritos. Isso se nota com grande força nos primeiros passos da elaboração da psicanálise; os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006a), por exemplo, foi amplamente revisado, com parágrafos integralmente suprimidos e novas reflexões – e mesmo sessões inteiras – acrescidas em quatro das seis edições posteriores à original e anteriores à morte do autor: 1910, 1915, 1920 e 1924. Essa preocupação de Freud com seus textos nos faz inferir que ele constantemente os retomava, citando alguns deles décadas após terem sido escritos. A parte metapsicológica de sua obra certamente sofreu mais alterações posteriores, para que acompanhassem os avanços de suas teorias. Dos dois outros estilos que permeiam os trabalhos de Freud, os relatos clínicos e as análises culturais, os textos do último são de grande importância para o conhecimento humano. São neles que Freud se consagra, na denominação de Paul Ricœur, como um dos “mestres da suspeita”; ao transportar as descobertas psicanalíticas da psicologia do indivíduo para a psicologia social, o fundador da psicanálise se vê diante de uma necessidade metodológica desconcertante. Deve, para compreender os mecanismos psíquicos que se repetem no âmbito social, desconstruir sucessivamente diversas certezas e formas de funcionar da sociedade de sua época, como fazia concomitantemente com o psiquismo humano; “A partir deles [Freud, Marx e Nietzsche, os ‘mestres da suspeita’] a compreensão se torna hermenêutica: doravante, procurar o sentido, não significa mais soletrar a consciência do sentido, mas *decifrar suas expressões*”, (Ricoeur, 1965/1977, p. 37, grifos do autor). É um mestre da suspeita ao não confiar na naturalidade com que a civilização se olha, mas encontrar na sociedade ocidental as engrenagens que originam diversas – senão todas – das patologias nervosas com que se deparava em seu consultório.

Apesar de ter feito a transposição da psicanálise do indivíduo para fenômenos sócio-culturais em textos anteriores, “Totem e tabu” parece ser o passo inaugural do rebuliço que Freud causa em suas análises culturais. Em um de seus últimos trabalhos, “Moisés e o monoteísmo”, a obra de 1912-13 é diversas vezes citada, funcionando como uma das bases para o livro de 1939. O cuidado de Freud com seus textos anteriores aponta para uma característica importantíssima de seu modo de pensar: a hermenêutica *exige* do hermeneuta uma postura de abertura, de suspeita, que o permite enxergar naquele fenômeno um novo sentido. É isso que Freud aplica ao propor a interpretação como

método de trabalho do psicanalista e o que ele repete na medida em que desenvolve sua obra. A interpretação da religião começa nas publicações do autor em 1907, com “Atos obsessivos e práticas religiosas”, ao aproximar o escrúpulo das práticas ritualísticas religiosas à neurose obsessiva; essa compreensão, porém, evolui ao longo de sua obra, culminando, na primeira tópica, em “Totem e tabu”, onde a religião ainda é análoga à neurose obsessiva, porém em um nível imensamente mais profundo que no primeiro artigo. Com “O futuro de uma ilusão” (1927/2006h) a abertura hermenêutica amplia o entendimento de Freud sobre a religião e a analogia já é a uma ideia de Deus impregnada de desejo, como em um sonho e não mais aproximado da neurose obsessiva.

A teoria freudiana é continuamente revisada, permanece em movimento constante ao longo de toda a sua vida. Gênio da interpretação como era, Freud não poderia deixar de proporcionar às suas teorias mais e mais sentidos, mais e mais vida, evitando a estagnação que congela o fenômeno e impede a re-significação dele. É essa a nossa intenção em retomar “Totem e tabu”: dar novo significado ao trabalho de Freud pela via do conceito de símbolo de Ricœur. Não é o foco deste trabalho tratar dessa obra como o Freud o faz no próprio prefácio à tradução hebraica: “um livro, além disso, que trata da *origem da religião e da moralidade*” (Freud, 1912-13/2006d, p. 19, grifo nosso). Como origem da religião, essa obra é inconsistente por si só, mas há outras camadas a serem desveladas e que provavelmente são a razão para a sua importância não ser menor hoje do que era em 1913.

Desconstrução do totem e apontamento do símbolo

“Totem e tabu” é composto de quatro ensaios, mas é o último deles que mais interessa a esta análise. Após refletir sobre o tabu, a magia e o totemismo, Freud apresenta a longa discussão sobre essa organização social e religiosa chamada de totemismo para então apontar nela a origem da exogamia na civilização humana e com isso a origem do tabu do incesto, uma incógnita que se mostrava pouco compreensível à época. Mais uma vez, vemos como Freud, analisando um tema envolto de mistérios, extrai dali – como o fez com os sonhos ou a sexualidade infantil – uma significação que engrandece nosso conhecimento acerca do homem e da própria civilização.

Nesse momento precisamos recorrer a Paul Ricœur que, com sua hermenêutica dos símbolos, nos ajuda a compreender o movimento de Freud. Talvez possamos dizer que o mote desse

filósofo francês seja o que ele diz em “A simbólica do mal interpretada”: “O símbolo dá o que pensar” (Ricoeur, 1969/1988, p.283); importante salientar o conceito de “símbolo” trazido por Ricoeur na obra citada, que apresenta justamente o caráter “opaco” desse fenômeno. O *símbolo* é opaco por ser inacessível, não se mostrar na transparência e, precisamente por isso, permitir uma infindável variedade de re-significações, posto que seu núcleo, seu significado último não é acessível ao observador, exigindo dessa forma que uma interpretação possível lhe seja dada. Por outro lado, o *signo* é aquilo que se mostra transparente, seu núcleo de significação está aberto, plenamente inteligível; o núcleo do signo, no entanto, é morto, estanque, fixado em uma significação única e inequívoca. Não interessa, portanto o signo à hermenêutica, pois não permite a interpretação dessa significação cristalizada. Ao hermeneuta interessa sim o símbolo, que “dá o que pensar”, tem uma postura ativa diante do observador: oferece (dá) a ele sua significação encoberta, duvidosa, equívoca, mas que permite sobre si uma miríade de significações possíveis, bastando ao observador aceitar essa oferta e interpretar (pensar) o símbolo.

Como será visto mais adiante é disso que Freud se aproveita ao adentrar no tema do totemismo. Antes, porém pode-se até mesmo refletir sobre a possibilidade da escrita desse texto caso a antropologia cultural possuísse na época o nível atual de conhecimento sobre as origens da sociedade humana. Sabe-se atualmente, ao contrário do que especulou Freud em 1912-13, que o totemismo não pode ser atrelado à origem da religião, tendo em vista que ele não se encontra presente em todos os agrupamentos primitivos humanos. Ainda, segundo Lévi-Strauss cinco décadas depois, em seu “Totemismo hoje” (Strauss, 1965 como citado em Zanini, 2006), o totemismo não poderia nem ao menos ser associado com a religião, sendo meramente uma forma de classificação social. O valor de “Totem e tabu”, portanto não pode residir em sua tentativa de elaborar uma epigênese da religião. Nesse caso o texto seria hoje apenas uma curiosidade histórica, não havendo nele qualquer importância para a compreensão do fenômeno humano. Sobra-nos dessa forma o outro tema de que trata o livro, segundo Freud: a origem da *moralidade*.

O símbolo no totem

O longo caminho que Freud percorre no último ensaio de “Totem e tabu” tem por objetivo o esclarecimento, via análise da sociedade totêmica ancestral, de dois tabus da civilização: “não

matarás” e “não cometerás incesto”. Para isso o autor desenvolve o mito da horda primeva, incluindo aí, o assassinato do pai tirânico pelas mãos do grupo de rivais, iguais em sua submissão ao pai: seus filhos. A inserção do mito nos proporciona uma grande virada na leitura de “Totem e tabu” (eliminar) da obra. O assassinato do pai, cuja origem é a frustração de seus filhos, cerceados em seu desejo de ser, para usar um termo de Ricoeur (1969/1988), apazigua o ódio sentido por eles, trazendo de volta o sentimento de amor pelo pai, agora morto. É desse sentimento ambíguo que surge a culpa e então uma tentativa de reparação: a criação dos interditos ao assassinato e ao incesto. Tanto o fim (incesto) quanto seu meio (a morte/destruição do pai) são condenados então pela moralidade, que se origina nesse momento. Decerto há nessa construção uma falácia do pensamento freudiano; não é possível que o assassinato tenha dado origem à moral, pois não há assassinato onde não existe uma lei que o defina como tal. A própria filosofia clássica não tem consenso sobre essa questão, tendo em vista a contraposição entre John Locke e Thomas Hobbes. É a lei que corrompe o homem social, ou o homem só pode se socializar quando barrado pela lei? O próprio Freud volta a essa questão ao analisar os “Criminosos em consequência de um sentimento de culpa” (Em: “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” 1916/2006e), porém de um ponto de vista diferente: em sua análise Freud aponta que o crime é, por vezes, uma maneira de dar motivo à culpa que o criminoso sente sem razão aparente. Para tanto o autor carece de uma culpa fundamental do ser humano, culpa essa que tentou encontrar exatamente no mito do assassinato do pai.

Morto o pai tirânico da horda primeva voltemos a Paul Ricoeur, pois Freud nos diz algo muito significativo: “O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (Freud, 1912-13/2006d, p.164). Morto, o pai deixa de ser algo físico, acessível pela via sensorial, passa à dimensão simbólica se tornando também o que Ricoeur definiu como símbolo. Sendo símbolo, o pai é opaco, é equívoco, escapa à compreensão plena e “dá o que pensar”. Esse é o motivo da força do pai morto que Freud anuncia; o pai que não mais delinea a ordem da horda, mas exige que os filhos *ensem* sobre o que ele dá, o que ele deixou para eles: a ambivalência de seus sentimentos diante de seu símbolo, sua representação agora fugidia.

O grande acerto de Freud ao conceber o mito do assassinato do pai foi justamente isso; criar um mito, um *símbolo*. Ao se pensar o mito da horda primeva como a origem não da religião, mas da culpabilidade humana em decorrência de um sentimento de ambivalência, vemos repetido o

mito adâmico da queda do homem. Adão, ao desobedecer Deus, cometeu um pecado e por isso é tomado pela culpa de causar o descontentamento de Deus e não a sua ira. O pecado, para Ricœur, que nesse ponto retoma Kant, reside no rompimento de uma relação, tem como base a traição do amor e não o ódio que decorre da desobediência. Tal noção de pecado no cristianismo traz para essa discussão exatamente a ambivalência de sentimentos do pecador para com Deus, situação emulada pelo mito freudiano, quando a tristeza do pai é pelo rompimento da relação, temor do neurótico de não amar o bastante e a cólera paterna surge no temor do neurótico de ser castrado, menos mórbido que o primeiro, por não representar a perda da figura referencial do pai. A similitude dos mitos não é casual. Assim como a tradição judaica, Freud quer nos dizer de um símbolo que, por natureza, é incomensurável, não pode ser acessado diretamente. Ambos os mitos tratam da mesma questão: a origem da culpabilidade humana.

Há, no entanto um porém em ambos os casos. No mito adâmico é Adão quem trai a confiança de Deus e condena toda a humanidade a nascer em um mundo onde o pecado jaz, onde ele é contingente. Entretanto Adão não peca sozinho; há na narrativa da queda a figura fundamental da serpente, que é quem provoca, via Eva, o pecado de Adão. Há, mesmo no paraíso, um mal anterior ao pecado original, um mal semelhante ao que está nos rodeando no mundo secular. Não por acaso o mesmo problema foi verificado na narrativa de Freud, ao nos depararmos com a falácia do assassinato anterior à lei. Existe algo que torna o assassinato um mal independente da lei que o regula como interdito. O Deus do paraíso, que “passeava no jardim pela viração do dia” (Gn 3, 8), que, mesmo depois de confissão o pecado conversa com suas criaturas (Gn 3, 9-22), que “ (...) fez o Senhor Deus a Adão e sua mulher túnicas de peles e os vestiu” (Gn 3, 21) se torna, depois da queda, muito semelhante ao pai da horda; deixa de ser alguém com quem existe um relacionamento e se torna distante, inacessível, se faz em *símbolo*. Símbolo este que é mais poderoso do que aquele com quem havia um relacionamento, quebrado pelo pecado original. Mais poderoso por não estar disponível à prova da realidade, poderoso por se velar e, portanto aceitar para si todo poder depositado pelo observador.

A moralidade surge então como representante do mal originário, do pecado primeiro de onde o mito (freudiano e adâmico) nos diz ter surgido a culpa. As reverberações desse ato inicial surgem na civilização ocidental atual em forma de escrúpulos. Referenciando-se a São Paulo, Ricœur (1969/1988) nos lembra que o pecado não

é a quebra da lei, mas sim a quebra da *relação*. A lei, na verdade é meio para o pecado, quando, ao ser sacralizada – após a morte do pai e a queda do homem – se torna signo, fonte de escrúpulo e provoca o rompimento da relação – o pecado. O oposto do pecado nunca será a escrupulosidade, mas sim a fé. Fé essa que promove o relacionamento com o Sagrado – inacessível de forma imediata, pois é símbolo – pela via da entrega. Da mesma maneira, o neurótico também sofre com a sacralização da lei, obedece a padrões e princípios não por respeito ao seu desejo de ser, mas por razões inconscientes, que lhe fogem da compreensão. Essa forma de se colocar diante da outra pessoa é neurótica justamente porque é concomitantemente balizadora e pecaminosa, no sentido em que rompe a relação.

Considerações finais – A desmitologização da origem da culpabilidade

De fato, não há contestação quanto à falibilidade do texto freudiano enquanto um acontecimento histórico que deu origem à religião. Entretanto surge uma virada quando interpretamos o “Totem e tabu” como um tratado sobre a culpabilidade humana. O mito do assassinato do pai borbulha significações, exige do leitor um posicionamento diante do que apresenta. É uma narrativa que “dá o que pensar”.

Ao escrever seu mito, Freud – conscientemente ou não – emula ali a mitologia judaica, fantasiando-a com uma bela vestimenta pseudocientífica. Apresenta sua recriação da queda do homem, onde um mal que é contingente causa um sentimento de ambivalência dando origem à culpabilidade fundante do homem. A fantasia tecida por Freud na verdade é apenas pseudocientífica. Contém inconsistências internas graves do ponto de vista lógico em seu raciocínio circular sobre o parricídio. Apesar disso é brilhante ao nos dar o que pensar, ao se colocar diante de nós como símbolo.

Com a ajuda do vigoroso sistema hermenêutico de Ricœur podemos compreender como, justamente ao se tornar símbolo – assim como o pai morto – o mito freudiano ganha em amplitude de significação. Ao falar do indizível que é a culpabilidade humana, Freud e Moisés fracassam como historiadores, mas triunfam magistralmente como hermenêutas. Produzem narrativas de caráter mítico, que precisam ser desmistificadas, a fim de ser possível renunciar delas como meios para a lei escrupulosa e também precisam ser desmitologizadas, para que delas se liberte o fundo simbólico, que nos permite reinterpretar e muitos ganhos em termos de

novos significantes associados, apontando, dentre muitas outras possibilidades, para a compreensão de uma origem da culpabilidade humana.

Sendo assim não podemos ignorar “Totem e tabu”. Portador de várias deficiências, o texto não deve ser tornado signo, não deve ser lido como uma verdade portadora de um sentido único e inequívoco, pois usa justamente da falácia para traduzir essa verdade que não é acessível por via imediata. O mito freudiano é de grande valor, pois é capaz de cumprir seu objetivo de escavar a origem da moralidade e conseqüentemente a origem da culpabilidade. É preciso, entretanto,

compreender que a ambição de Freud é grande. Tão grande que não pode ser descrita em termos lógicos, seculares, mas apenas através da linguagem indireta, simbólica e exige sobre si própria um trabalho de interpretação, justamente como o pai da psicanálise o faz. O *mito*, o *símbolo* é, seguramente, a origem da culpabilidade humana ao se apresentar como inacessível em sua plenitude; não podemos pretender nos deparar com o fato que originou a culpabilidade humana, mas podemos, como Freud e Moisés, nos propor a interpretar o símbolo que se apresenta a nós como arauto dessa condição fundamental do homem.

Referências Bibliográficas

Bíblia. Português. Bíblia sagrada. (João Ferreira de Almeida, Trad.). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

Franco, S. G. (1995). *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricœur*. São Paulo: Loyola.

Freud, S. (2006a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. VII (pp. 117-231). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

_____. (2006b). Atos obsessivos e práticas religiosas. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. IX (pp. 107-117). (M. A. M. Rego, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

_____. (2006c). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. IX (pp. 166-186). (M. A. M. Rego, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

_____. (2006d). Totem e tabu. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XIII (pp. 12-163). (O. C. Muniz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912-13).

_____. (2006e). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XIV (pp. 281-292). (T. O. Brito, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).

_____. (2006f). Fixação em traumas – o inconsciente. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XVI (pp. 281-292). (J. L. Meurer, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

_____. (2006g). Psicologia das massas e análise do eu. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XVIII (pp. 77-154). (E. A. M. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

_____. (2006h). O futuro de uma ilusão. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XXI (pp. 11-63). (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. (2006i). Dostoiévski e o parricídio. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XXI (pp. 179-200). (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928).

_____. (2006j). O mal-estar na civilização. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XXI (pp. 65-147). (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

_____. (2006k). Moisés e o Monoteísmo. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XXIII (pp. 13-150). (M. A. M. Rego, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939).

Ricoeur, P. (1988). A simbólica do mal interpretada. Em: O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica. (M. F. Sá Correia, Trad.) (pp. 264-352). Porto: Rés. (Trabalho original publicado em 1969)

_____. (1977). Da interpretação: ensaio sobre Freud. (H. Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1965)

Zanini, M. C. C. (2006). Totemismo revisado: perguntas distintas, distintas abordagens. *Habitus (Goiânia)*, v. 4, n. 1, p. 513-533.

Recebido em:

Modificado em:

Aceito em:

ⁱ **Sobre o autor:**

ⁱ **Igor Dutra Santos** – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Federal de Minas Gerais, participante do Projeto CAVAS/UFMG (Projeto de Pesquisa e Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual).
E-mail: igr_ds@yahoo.com.br